

Mapa do Brasil

O Conselho Nacional de Geografia, editou recentemente um mapa do Brasil na escala de 1 : 5 000 000, o qual atende, em parte, as finalidades a que se destina. Críticas têm aparecido sobre o mesmo, onde são apontadas falhas que aos olhos dos leigos podem parecer graves erros cometidos pelos técnicos incumbidos de sua elaboração, ou — o que seria pior — negligência injustificável.

O C.N.G. elabora mapas em diversas escalas (desde 1 : 250 000 até 1 : 5 000 000), nos quais se procura representar o país com a fidelidade compatível com os elementos disponíveis na época de sua elaboração e segundo a mais moderna técnica cartográfica. Esses mapas são tanto mais pormenorizados quanto maiores forem as suas escalas, ou, em outras palavras, as suas dimensões.

Em particular, a carta do Brasil na escala de 1 : 5 000 000 é um simples mapa informativo, no qual figuram em sua grande maioria (mas não em sua totalidade) as cidades, a rede hidrográfica, as vias de transporte mais importantes e o relevo do país, em suas linhas gerais. A presença de maior ou menor número de acidentes geográficos está condicionada à escala do mapa.

Ora, a escala de 1 : 5 000 000 é uma escala muito pequena, na qual um milímetro representa cinco quilômetros e onde o Brasil aparece contido num quadrado de um metro de lado. Nestas condições, em regiões quase despovoadas, como o Norte e o Centro-Oeste, pode-se representar todas as cidades e mesmo muitas vilas; mas em zonas densamente povoadas não é possível representá-las todas, pois a nomenclatura ocuparia a maior parte do espaço, ocultando muitos acidentes importantes (rios, estradas, etc.) e tornando o mapa praticamente ilegível.

Nenhuma carta geográfica em pequena escala, principalmente dos países mais desenvolvidos, tem em mira representar todas as suas aglomerações urbanas. Quando várias destas se encontram demasiado próximas, é forçado o cartógrafo a adotar um critério de seleção, sendo o mais usado o da população.

É o que ocorreu, por exemplo, com a cidade de Mariana, cuja ausência no mapa provocou descontentamento, mas que não é a única a faltar, seja em Minas, seja em outros

estados do Brasil. Das 388 cidades existentes em Minas Gerais em 1950, apenas 187 puderam figurar no mapa.

Mariana acha-se muito próxima de Ouro Preto (cêica de 9 quilômetros, em linha reta que na escala do mapa são representados por menos de 2 milímetros) e não muito distante de Ponte Nova e Itabirito. Sua população (nos quadros urbano e suburbano) era de 4 384 habitantes, segundo o censo de 1950, ao passo que Ouro Preto contava com 8 751, Ponte Nova com 15 056 e Itabirito com 7 104 habitantes. Os nomes dessas quatro cidades não poderiam coexistir, sem prejuízo da clareza do mapa, sendo o cartógrafo forçado a eliminar um deles, tal como em muitos outros casos análogos. O critério da população foi desfavorável a Mariana, conforme indicam os números acima. Na edição de 1950, todavia, por não figurar a cidade de Itabirito, foi incluída a de Mariana.

Observe-se que o importante não é considerar a população isoladamente, mas sim em relação às das aglomerações vizinhas. Pequenas cidades podem a devem figurar no mapa, quando em regiões pouco povoadas; ao passo que outras, embora mais populosas, são forçadas a desaparecer, quando situadas nas proximidades de várias aglomerações ainda maiores. É esta a razão por que foram omitidas tantas cidades dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

O Conselho Nacional de Geografia editou, entretanto, um outro mapa (ora esgotado, mas em preparo para reedição) na escala de 1 : 2 500 000, em que o Brasil aparece com as dimensões de 2 x 2 metros e do qual constam todas as suas cidades e muitas de suas vilas.

Outras cartas do país são ainda publicadas pelo Conselho, (e esta é a sua principal tarefa) subdivididas em folhas, em escalas maiores, isto é, de 1 : 1 000 000, 1 : 500 000 e 1 : 250 000, nas quais figuram as cidades, as vilas e até mesmo os povoados.

A omissão de cidades e de quaisquer acidentes geográficos, mesmo de certa importância, é uma fatalidade a que nenhum cartógrafo poderá fugir, quando se trata de mapas em pequenas escalas.

Jamais pretendeu, pois, o Conselho Nacional de Geografia, nas suas diversas edições de mapas em escala de 1 : 5 000 000, representar tôdas as cidades, nem tão pouco tôdas as estadas, todos os rios ou tôdas as serras. Da mesma forma procedem os mais conceituados institutos cartográficos dos mais adian-

tados países do mundo Não se trata, por conseguinte, de ignorância ou de um lapso e muito menos de qualquer intuito de menos-prêzo. Erros são, entretanto, inevitáveis; e qualquer crítica serena e construtiva será sempre bem recebida, para o aperfeiçoamento da cartografia brasileira

XVIII Congresso Internacional de Geografia

Posseguem animados os preparativos para a realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia nesta capital, de 9 a 18 de agosto do corrente ano. Continuamos neste número a divulgar informações fornecidas pela Comissão Organizadora a respeito do importante certame geográfico

TESES RECEBIDAS

Secção IV — Hidrografia

ALFREDO CASTELLANOS, Rosário, Argentina — "Comunicación de redes hidrográficas por derriame en ríos de llanura de Córdoba, Argentina". "Fenômeno de Captura en los ríos serranos de Córdoba, Argentina"

ARISTIDES ALEJANDRO INCARNATO, Buenos Aires, Argentina — "El río de la Plata: estuario o delta"?

VICTOR PREVOT, Paris, França, "La cité de la Seine en janvier 1955"

Secção V — Biogeografia

LEO EINO AARIO, Helsinki, Finlândia, "Pollen as the Indicator of the Tundra and the Timberline"

MONICA MARY COLE, "The importance of Biogeographical Studies in Marginal Agricultural Areas with Special References to the Savannas and Moorlands"

PIERRE DANSEREAU, Montreal, Canadá, "Les structures de la végétation en Côte d'Ivoire et leurs équivalents brésiliens".

"The character of altitude vegetation in Brazil, the Philippines and West Tropical Africa"; HENRI MARCEL GAUSSEN (Toulouse, França) — "Etagement dans les montagnes tropicales"; WILHELM LAUER, (Kiel, Alemanha) — "Die Gliederung und Benennung der tropischen Vegetationsgürtel"; RICHARD MOMSEN JR., P (Petropolis, E. Rio, Brasil) — "The forest-grassland boundary between Jaraguá, Anápolis and Goiânia on the Planalto Central"; TAKESKI SEKIGUTI, (Tóquio, Japão) — "Results of pollen analysis in Japan".

Secção VI — Geografia Humana — Questões diversas

KAZI S AHMAD, (Panjab, Lahore, Paquistão) — "Water supply in the Indus plain and allied problems"; ANGEL BASSOLS BATALLA, (México) — "L'habitation rurale typique de cinq régions du Mexique"; JAMES I CULPERT, (Las Cruces, E. U. A) — "Rural Dwellings of the Rio Grande Valley and the Llano Estacado of New Mexico showing the influence of Spanish, Indian and Anglo Cultures upon each other"; PIERRE DEFFONTAINES, (Barcelona, Espanha) — "La ville religieuse, première stade de la Géographie Urbaine"; PAUL FENELON (Vanves, França) — "L'habitation rurale typique du Périgord"; BRUNO FRANCOLINI (Firenze, Itália) — "Le facteur religieux dans le paysage géographique (Afrique du Nord, Amérique du Sud)"; J GROBER (Jena, Alemanha) — "Triennium Bioclimaticum Tropical, its aims and organization"; HILDEGARD BINDER JOHNSON (Minneapolis, E.U.A.) — "The role of German core settlements in the American Midwest"; MURTEL LOBO (Karachi, Paquistão) — "Typical rural dwellings of different Geographic areas in Pakistan"; GENE ELLIS MARTIN, (Ahtens, E. U. A) — "Land division in Central Chile"; SHIGETI MURAMATSU (Osaka, Japão) — "Typical rural dwellings of different Geographical areas in Japan"; P. SERTON (Stellenbosch, União Sul-Africana) — "Comparative water-supply in the Karoo and the Kalahari"; BOGDAN ZABORSKI (Canadá) — "Rural Settlements in Canada"

Secção VII — A Geografia da população e do povoamento

KAZI S. M AHMAD (Panjab, Lahore, Paquistão) — "Indo-Pakistan migrations following the partition"; GUNNAR ALEXANDERSSON (Stockholm, Suécia) — "Changes in the Industrial Structure of Cities"; DAVID H. K AMIRAN, (Jerusalem, Israel) — "The expansion of settled land in Israel"; WILLIAM AP-